

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Luma Gonçalves Alonso

Retratos

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Luma Gonçalves Alonso

Retratos

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, entregue ao Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) como requisito parcial à graduação.

Orientador: Prof. Dr. Marco Garaude Giannotti

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo Dados inseridos
pelo(a) autor(a)

Alonso, Luma Gonçalves
Retratos / Luma Gonçalves Alonso; orientador, Marco
Giannotti. - São Paulo, 2023.
19 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Artes Plásticas / Escola de Comunicações
e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. retrato. 2. pintura. 3. círculos sociais. I.
Giannotti, Marco. II. Título.

CDD 21.ed. - 700

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Luma Gonçalves Alonso

Título: Retratos

Aprovada em: ____ / ____ / ____

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Dedico este trabalho a todos aqueles que permitem serem retratados por mim, nesta e em outras ocasiões.

E agradeço ao meu orientador Marco, pela confiança de sempre em meu trabalho.

RESUMO

Este trabalho relata a trajetória da formação artística de sua autora, buscando explicar o interesse maior dela pelo tema do retrato, que pratica consistentemente há vários anos. Embora prefira fazê-lo em técnicas tradicionais de pintura, tais como o óleo, o pastel oleoso e o guache, os sujeitos retratados costumam ser jovens, pertencentes aos círculos sociais mais próximos da artista, porque a própria contemporaneidade e os vínculos interpessoais também são objetos de seu estudo e se fazem presentes visualmente, em especial pelo estabelecimento de relações cromáticas.

Palavras-chave: retrato, pintura, círculos sociais

ABSTRACT

This work reports the trajectory of its author's artistic development, seeking to explain her greater interest in portraiture, which she has been practicing consistently for several years. Although she prefers to use traditional painting techniques, such as oil, oil pastels and gouache, the subjects portrayed are usually young people, who belong to the artist's closest social circles, as contemporaneity itself and interpersonal ties are also her objects of study and are visually present, especially through the establishment of chromatic relationships.

Keywords: portrait, painting, social circles.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Autorretrato	11
Figura 2 - Denis	14
Figura 3 - Queridos	16
Figura 4 - Lima e Toledo	17
Figura 5 - Ana Luísa	18
Figura 6 - Retratos	19

É muito comum que se pergunte a quem desenha a partir de que idade começou a fazê-lo. Penso que todos nós, artistas e também não-artistas, somos introduzidos ao desenho muito pequenos, desde antes sequer de nos tornarmos capazes de escrever. Melhor dizendo, é possível que essa prática não seja apresentada a nós, mas que ela parta de um impulso interno, mais imediato que a escrita, e que nós é que a abandonemos conforme vamos nos alfabetizando e aprendendo a nos expressar de outras formas. Se é este o caso, a diferença formativa primordial entre um artista e um não-artista é a de que o artista não abandona o desenho ou, se o abandona em algum ponto de sua vida, o retoma em outro. A dúvida, portanto, não se trata de quando **começamos** a desenhar, uma vez que todos os seres humanos começam mais ou menos ao mesmo tempo, mas de quando decidimos **continuar** desenhando. No meu caso, se eu quiser respondê-la com precisão, devo dizer que diariamente faço essa escolha desde quando fiz meu primeiro desenho. Apesar de eu não desenhar todos os dias, nunca pensei em parar de vez. Se, por outro lado, eu quiser responder com mais simplicidade, digo apenas que sempre desenhei.

Embora fascinada pelo fazer do desenho, cresci sem contato com artistas e com gente que pudesse me orientar com propriedade. Nas escolas pelas quais passei, a matéria de Artes só era oferecida até o 1º ano do Ensino Médio e a primeira vez que um professor de fato me ensinou desenho foi quando eu tinha dezoito anos de idade. Na época, eu estava tentando ingressar na graduação em Artes Visuais, e, sem saber ao certo como me preparar para a Prova de Habilidades Específicas, me matriculei numa disciplina de Linguagem Arquitetônica que era oferecida pelo cursinho que eu fazia. Era uma turma bem pequena e, por isso, eu tive a liberdade de explicar para o professor que o meu foco era outro. Ele foi bastante compreensivo e atencioso. Para a minha sorte, também era ligado às artes visuais e me apresentou ótimas referências. Uma parte considerável da aula acabava sendo personalizada para mim, a única vestibulanda de Artes Visuais (quicá do cursinho inteiro), e acho que isso tornava as coisas mais estimulantes até para ele. Sei que me ensinou muito. Praticávamos a tradução, a lápis grafite, da incidência de luz e sombra em diferentes materiais a partir da observação. As folhas

de papel que ele nos dava eram relativamente grandes e isso me ensinou a ter mais paciência para preencher áreas e produzir degradês.

O interessante é que, antes de ter essas aulas, eu não fazia luz e sombra. Por todos aqueles anos em que desenhei sozinha, meu foco foi aperfeiçoar a linha. Não porque eu não considerava a luz e a sombra informações importantes, mas porque eu não sabia enxergá-las e, mais uma vez, entrando no mérito da educação, acho que isso se deve à forma como alimentamos de imagens nossas crianças. Popularmente, o desenho, em oposição à pintura, trata da linha e, principalmente, da silhueta. Já as cores, as texturas, as luzes e sombras, são deixadas a cargo deste outro domínio, que vem necessariamente depois e que não deve, nunca, transpor as linhas preestabelecidas pelo desenho original (a famosa regra de “pintar dentro das linhas”). É por isso que eu nunca havia tentado aplicar um efeito de luz e sombra, afinal, na maior parte do tempo eu estava desenhando a lápis grafite. Nas raras vezes em que dispunha de algum material colorido (eu nem conhecia muitos), sentia que as coisas saíam do meu controle, eu extrapolava as fronteiras e me frustrava. Cheguei a cogitar que não gostava de pintar. Com o lápis, eu apenas precisava me ater às linhas que eu via e às proporções que elas delimitavam entre si. Mas...

“Existe linha na natureza? Não, não existe. Tudo são sombras. Uma aparente linha à sua vista é, na verdade, uma sombra de contato muito fina”, nos disse esse professor de Linguagem Arquitetônica. Foi a partir dessa fala que eu comecei a **enxergar** as sombras e a interpretá-las com as formas que têm. Ainda hoje, quando esboço uma pintura, desenho preliminarmente as demarcações das sombras. Passei a não gostar de desenhos de silhueta (*outlines*) e aos poucos desenvolvi predileção por desenhos sujos. Tudo o que é informação me agrada: marcas de mão manchando o branco do fundo, riscados de um degradê impaciente... Os papéis, procuro sempre pelos mais texturizados e adoro quando suas tramas ficam visíveis nas cópias digitais que faço dos trabalhos. Me dou conta de que minha insatisfação se dá hoje em dia se as coisas, por outro lado, se mantêm demais sob o controle.

O desenho a seguir é dessa época, em que eu tinha dezoito anos. Estava avançada no curso de Linguagem Arquitetônica, a julgar pelo maior domínio da sombra e também pela data de produção. Ele é bastante emblemático da minha

transição estilística, porque ao passo que ostenta algumas linhas bem marcadas, que não se expandem para áreas escuras, traz também um estudo de meios tons altamente delicado na pele, em contraposição, ainda, à região do cabelo, composta por intervenções agressivas, desordenadas e braçais. A expressão facial deste autorretrato, já feito a partir de referência fotográfica, transmite o meu então estado de espírito, contundido por incertezas quanto ao futuro e por uma rotina em que nada eu encontrava de prazeroso a não ser desenhar. Me permitia fazer disso meu respiro, a portabilidade do caderno de desenho — um, aliás, que uma prima muito querida me deu de presente —: pequeno, discreto, fácil de cobrir e de esconder trabalhos em progresso por meio das páginas. No entanto, foi a mesma portabilidade que acabou sendo motivo para eu não ter mais esse autorretrato, pois o caderno acabou sendo levado dentro de uma mochila que foi roubada de mim.

Figura 1 - Autorretrato (2016), desenho de Luma Alonso



Lápis grafite sobre papel de dimensões 28,05 x 19,39 cm, datado de 17 de outubro de 2016. Fonte: a autora (2022).

Após meu ingresso na Universidade, no início de 2017, gradualmente mergulhei em outra crise estilística. Senti que, naquele meio, no qual grande parte

dos colegas sabia desenhar (embora houvesse enorme diversidade de traços), essa habilidade artesanal era pouco apreciada e, principalmente, não havia muito espaço para o elemento figurativo. A linguagem da ilustração era negligenciada, quando não menosprezada totalmente. Ademais, não era raro que os alunos tivessem boas bases formativas em artes — artes de galeria — e os professores reconheciam nisso uma qualidade. Percebi que, surpreendentemente, o único momento em que me sentia à vontade era durante as aulas de Cor, ministradas pelo professor Geraldo Souza Dias, mais ainda do que nas de Desenho.

Isso porque, embora ambas seguissem o sistema do meu processo de criação, que envolve a cópia de referências visuais objetivando certo naturalismo, em Cor, fomos iniciados, logo no primeiro semestre de faculdade, à pintura à óleo, com a qual eu nunca tinha tido contato. Embora a princípio isso possa soar como um contrassenso, uma vez que esta técnica tipicamente envolve horas de realização, a fluidez do pincel e da tinta abriu a possibilidade para que eu resolvesse detalhes com muito mais rapidez do que com o lápis. A paciência, que eu havia domado apenas parcialmente, e que sempre havia sido um grande obstáculo para que eu concluísse trabalhos, já não seria mais impeditiva. Me tornei adepta do óleo *alla prima* e, no segundo semestre, adiantei duas matérias de pintura. Com isso, deixei de usar o lápis inclusive para fazer esboços.

Até o final daquele período, desfrutei do tempo semanal estabelecido pelas aulas e da infraestrutura da sala de pintura do Departamento de Artes Plásticas para manter a constância da minha produção em óleo. Depois disso, mesmo as matérias de pintura assumiram outros focos, o que fez com que essas horas de ateliê dedicadas já não fossem mais garantidas e conseqüentemente me levou a pintar menos com esse tipo de tinta. Dentre os novos tópicos curriculares a serem discutidos, por outro lado, estava uma miríade de técnicas das quais eu nunca havia ouvido falar.

Nesse sentido, a disciplina de Pintura e suas Técnicas, ministrada pelo Professor Marco Giannotti, apesar de não propor o aprofundamento em nenhum material em específico (tal como tinha sido anteriormente com o óleo), foi fundamental para que eu iniciasse uma investigação mais corajosa em pintura, por

conta da abrangência de sua exposição. Ao longo das aulas, pude compreender o princípio das tintas, por mais diversas que sejam, o que me permitiu empregá-las com maior criatividade e cabimento. Aprendi a produzir minhas próprias tintas e a melhor misturar pigmentos, bem como a manipular os materiais para produzir os efeitos desejados.

No Natal daquele ano, sabendo de minhas experimentações, meu irmão me presenteou com um conjunto de 36 cores de pastéis oleosos da Faber-Castell. Àquela altura, eu já tinha alguma prática em pintar pele humana e de imediato, vi imenso potencial para esse fim nas cores que continham na caixa, o que me animou bastante. Sequer esperei clareza para testar os gizes. Aguardei somente o encerramento da comemoração e que todos estivessem dormindo. Era uma técnica com a qual eu não tinha muita desenvoltura, o que me induziu à curiosidade de ler a parte de trás da embalagem, onde estavam descritas algumas sugestões de uso alternativas: derreter o bastão de giz, macerá-lo com uma espátula de pintura... A que mais me chamou a atenção, todavia, foi a que orientava a espalhar pelo papel os pigmentos do giz por meio do meu velho conhecido óleo de linhaça. Tão inesperada familiaridade me fez querer arriscar esse método.

Achei que o mais adequado para inaugurar o material seria homenagear quem me deu ele. Sendo assim, escolhi uma foto recente de meu irmão, que eu havia batido casualmente. A pintura foi feita da maneira mais espontânea possível, com poucos esboços e sem lapidação excessiva dos traços. Também, sem muitas camadas. Confesso que não me agradei com o resultado assim que concluí o projeto. Contentei-me em chamá-lo de exercício, porque foi, deveras, bastante instrutivo daquela maneira de pintar a pastel oleoso. Já era alta madrugada, então ninguém o viu a não ser eu. Deixei em cima da mesa do meu irmão e fui me deitar.

Na manhã seguinte, ele veio me cumprimentar pelo trabalho e agradecer. Meus pais fizeram o mesmo e todas as pessoas que viram também o acharam muito bom. Passei a enxergar esse trabalho com outros olhos e gradualmente a gostar mais dele. O uso do óleo foi indispensável para criar seus atributos mais notáveis, como as regiões de transparência, provocadas pela baixa pigmentação de áreas pinceladas, em oposição à riscada grosseira do bastão de giz; e o caráter gorduroso

que remete à pele de ambas as substâncias. Dentre todas as técnicas da pintura esta é a em que melhor consigo capturar este caráter.

Figura 2 - Denis, pintura de Luma Alonso



Pastel oleoso e óleo de linhaça sobre papel de dimensões 29,7 x 21 cm, datado de 25 de dezembro de 2018. Fonte: a autora (2020)

Ao longo de 2019, devido à praticidade e aos desejáveis efeitos que obtive no retrato de meu irmão, segui praticando pintura em papel (bem mais do que em tela), especialmente com pastel oleoso misturado a óleo. Por conta disso, minha obra assumiu um intrigante lugar no limite entre desenho e pintura. Ademais, a popularidade daquele trabalho motivou conhecidos a me mandarem fotografias para eu copiar, permitindo que eu produzisse abundantemente. O padrão para a escolha dos meus temas já era frequentemente intimista e, em particular, no que diz respeito aos retratos, sempre me atinha a pessoas com quem mantenho alguma espécie de relação afetiva. Esse fenômeno reforçou tal modo de operar.

Em paralelo, eu estava aprendendo uma linguagem diferente, que me forçou a repensar os papéis do retrato em uma lógica de produção radicalmente distinta, mas que, ainda assim, foi capaz de contribuir com uma reflexão determinante para o meu trabalho principal: a da gravura, que tem na reprodutibilidade seu maior traço distintivo. O exercício a seguir também é composto integralmente por retratos, contudo, há uma divergência visual clara entre os que aparecem aqui e os que foram feitos por pintura e desenho, uma que não se explica somente por limitações técnicas. Neste trabalho, os retratos foram baseados em fotos do banco de dados da Polícia Civil, de foragidos da Justiça por crimes graves e também de pessoas desaparecidas. Em outras palavras, não conheço pessoalmente nenhum desses sujeitos e pouco sei sobre eles.

O retrato de cada um, sozinho, embora tenha sido feito à mão por mim, não tem a mesma autonomia que a pintura que fiz de meu irmão, por exemplo. Porque são serigrafias, sim, facilmente reprodutíveis, mas também porque esses retratados são estranhos a mim e não há afeto por eles. Em contrapartida, enquanto multidão, embaralhados em uma parede de quase três metros de altura sem que se saiba distinguir ao certo quem é criminoso e quem é vítima de suas circunstâncias, esses apenas nove rostos repetidos adquirem certa força e parecem estar em maior número. Ao identificar tal efeito, passei a racionalizar também cada uma de minhas pinturas de retrato como um módulo, um indivíduo no meio da comunidade que é o *corpus* da minha obra.

Figura 3 - Queridos, obra de Luma Alonso



Serigrafia sobre papel de dimensões 273 x 267,3 cm, datado do ano de 2019. Fonte: a autora (2021).

Não por acaso, esse raciocínio passou a fazer ainda mais sentido a partir de 2020, no qual tivemos de praticar o isolamento social em escala global por conta da pandemia de COVID-19. No meu aniversário daquele ano, novamente meu irmão me deu um presente importante. Dessa vez, uma câmera instantânea Instax Mini 9, a qual despretensiosamente utilizei de início para fotografar minha família em casa.

Com o tempo, a euforia de aos poucos voltar a rever amigos e familiares me deu a ideia de fotografá-los com a máquina, em um rito de reencontro. Passei a levá-la comigo em todas as festas a que ia, tirar ao menos uma foto de cada convidado e a permitir que as pessoas brincassem com a câmera. Atualmente estimo que tenho cerca de 500 fotos guardadas, arquivo que acabou se tornando registro de uma geração atravessada por um avassalador acontecimento histórico. No semestre passado, juntei 96 delas e montei um painel que expus no Espaço das Artes. Gosto de combiná-las, principalmente por afinidades cromáticas (já que o perfil de cores da câmera é bastante limitado) e de sugerir narrativas e conexões entre os sujeitos.

Figura 4 - Lima e Toledo, fotografia de Luma Alonso



Fotografia instantânea de dimensões 5,4 x 8,55 cm, datada de 28 de novembro de 2021. Fonte: a autora (2021).

Hoje considero que tanto as fotografias instantâneas quanto as pinturas de retrato constituem grandes séries de trabalhos que são inevitáveis amostras do meu círculo social e, por conseguinte, da minha geração. Sendo assim, a melhor maneira de expressar o senso de comunidade que me motiva a produzir esses trabalhos é expô-los em conjunto, ainda que não necessariamente na totalidade dos conjuntos. Digo isso porque são obras inesgotáveis de experiência e produção, à medida que os círculos sociais estão em constante mudança, bem como as aparências das pessoas. Não é raro que, dependendo de como se apresentam, eu escolha um ou

outro material para pintar, a exemplo deste ano de 2022, no qual preferi a aquarela e o guache para retratar garotas de cabelos coloridos, de modo a obter cores mais luminosas e vibrantes. Além disso, julgo que conhecer grupos heterogêneos, desenvolver conexões com eles e vê-los interagindo entre si é parte fundamental da minha pesquisa.

Figura 5 - Ana Luísa, pintura de Luma Alonso



Guache sobre papel de dimensões 23 x 31 cm, datada de 2022. Fonte: a autora (2022).

Figura 6 - Retratos, Trabalho de Conclusão de Curso de Luma Alonso



Exposto no Espaço das Artes, no campus da capital da Universidade de São Paulo, em fins de 2022 e começo de 2023. Fonte: a autora (2022).